



Ninguém, o meu nome é Ninguém. O grande Polifemo coçava a cabeça em sinal de espanto e incompreensão. Ninguém?! Como te podes chamar Ninguém? Tu és alguém e essa condição necessita de um nome próprio, distintivo, um nome pelo qual te possa chamar e tu possas responder. A brutalidade do grande Ciclope de nada lhe servia face ao engenhoso plano de Ulisses. Garanto-te que sou Ninguém. Por certo já terás ouvido das minhas aventuras, sou o famoso Ninguém que cruza os sete mares desafiando o destino. A história parecia legítima e a oferta daquele sublime vinho servia o propósito de garantia. Irei comer-te de qualquer das formas, mas fã-lo-ei depois de me saciar com os teus companheiros. A fábula que me contas e o néctar que me trazes dão-te o privilégio de mais alguns minutos no mundo dos vivos.

Ninguém, Ninguém quis-me matar!

AUTOR:

EXEMPLAR N^o:



O LIMIAR DO
TEMPO

HELDER MAGALHÃES

O LIMIAR DO TEMPO

HELDER MAGALHÃES

Ao João e à Florinda, os meus pais.

“(…)

Continuo a procurá-la nos teus olhos
junto ao mesmo mar que à nossa frente
reluz com a ruína dos seus azuis.”

Joan Margarit

As notícias falam sobre o Agosto mais frio de há não sei quantos anos
na casa de banho cheira a frango de churrasco
o degelo parou
não há corações de manteiga nas prateleiras dos supermercados
agora há disparos entre os peitos
membros despedaçados perfilam-se nas bermas das estradas
as casas estão vazias
as pessoas partiram com medo dos morteiros
apenas os homens assam os frangos nas casas de banho.
As notícias não se calam sobre o Agosto mais frio de há não sei quantos anos
a escola faltou no regresso
as crianças jogam à bola entre fogo cruzado
às vezes as bolas são minas e rebentam pés e pernas e esperanças
as casas estão vazias
na casa de banho permanece o cheiro a frango de churrasco
Agosto já partiu mas continua frio dizem as notícias.

Eu não sabia o que era a palavra oncologia
dezassete anos e na caligrafia nenhures
talvez a tivessem amputado ao dicionário
e depois resolvessem imputá-la assim à bruta
nem o filho da puta do cancro eu conhecia
vem pela calada
e aluga-te uma parte do corpo
como um verme que rasteja derme
adentro
quando dás conta, o cabrão ri-se
como se fosses escravo dele
às vezes quando te apercebes
o cabrão é muitos nos teus órgãos
e ri-se mais ainda
como que a dizer-te adeus
às vezes é muitas vezes
e come-te à exaustão da carne
e apenas restas na comiseração
das chagas sobre a pele
e o filho da puta ri-se, ri-se ainda mais
e tu das duas uma
ou vais pra debaixo da terra e leva-lo contigo
ou ris-te com ele e de seguida
enfias-lhe uma bala entre os cornos.

Dantes esperava-se o carteiro
na ânsia de correspondência
letras tremidas a saudade
tinta a tingir de comoção o papel
como se o coração em envelope.

Havia uma vizinha religiosamente à espreita
que o cheque do abono caísse na caixa do correio
a fome pelas pastelarias da cidade
apertava o mês inteiro.

Hoje aguardam-se as promoções
e as execuções fiscais
o desconto e a penhora
o paraíso e o inferno de mãos dadas
que os sacos pagam imposto.